

TORTO ARADO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONCEITO DE ESCREVIVÊNCIA

TORTO ARADO: AN ANALYSIS BASED ON THE CONCEPT OF WRITING

Adenilce Porfíro de Souza Costa ¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Caroline Cavalcante do Nascimento²

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo analisar a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, publicada em 2019, tomando como base o conceito de Escrivivência da escritora Conceição Evaristo (2013). A fundamentação teórica da pesquisa possui como referência esse conceito além de leituras críticas de autoras como Djamila Ribeiro, em especial, a obra *Lugar de Fala* e o *Pequeno Manual Antirracista*. Intencionou-se pensar como o conceito perpassa pela trajetória narrativa das personagens Bibiana e Belonísia, por meio de uma leitura que compreende a escrevivência como rota de escrita literária e ferramenta metodológica de escrita acadêmica, intercalando-se as trajetórias das personagens às memórias da autora-pesquisadora. A análise justifica-se pela necessidade de compreender como a literatura pode tornar-se uma via de resistência frente ao racismo estrutural, ao trazer para o foco da narrativa a vida de mulheres negras e seus enfrentamentos diários. Na obra de Itamar, observa-se a força e a resiliência das mulheres que, desde o nascimento, são destinadas ao casamento, à maternidade, à fome e ao trabalho braçal, mas que, apesar dessas adversidades, mantêm-se firmes em sua resistência. Como resultado, a contribuição para o aprofundamento dos estudos acerca da temática em questão, além de fomentar futuras pesquisas sobre personagens negras na literatura, especialmente no contexto brasileiro, em que o debate sobre raça e gênero tem ganhado destaque.

Palavras-chave: Escrivivência; Lugar de fala; Mulheres Negras.

Abstract: The present work aimed to analyze the work *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior, published in 2019, based on the concept of Writing by the writer Conceição Evaristo (2013). The theoretical foundation of the research has as a reference the concept of Writing in addition to critical readings by authors such as Djamila Ribeiro, in particular, the work *Lugar de Fala* and the *Pequeno Manual Antirracista*. The intention was to think about how the concept of writing permeates the narrative trajectory of the characters Bibiana and Belonísia, through a reading that understands writing as a route of literary writing and a methodological tool for academic writing, interspersing the trajectories of the characters with the memories of author-researcher. The analysis is justified by the need to understand how literature can become a path of resistance against structural racism, by bringing the lives of black women and their daily confrontations into the focus of the narrative. In Itamar's work, we observe the strength and resilience of women who,

¹ Graduada em Pedagogia pela (Universidade Pitágoras Unopar), graduanda do curso de Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: adenilcecosta.prof@gmail.com.

² Doutora em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica, professora contratada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: caroline.nascimento@uems.br.

from birth, are destined for marriage, motherhood, hunger and manual labor, but who, despite these adversities, remain firm in their resistance. As a result, the contribution to the deepening of studies on the topic in question, in addition to promoting future research on black characters in literature, especially in the Brazilian context, in which the debate on race and gender has gained prominence.

Keywords: Writing; Place of speech; Black Women.

Submetido em 30 de novembro de 2024.

Aprovado em dia 9 de março de 2025.

Introdução

Quando ingressei como acadêmica do curso de Letras, a única certeza que tinha era a de que "eu queria falar do meu povo, o povo negro". Essa ideia me acompanhou por muito tempo. Ao longo dos anos, fui incorporando a essa frase palavras como "resistência", "resiliência", "lugar de fala" e, por fim, "escrevivência". Descobri que, se quisesse falar do negro dentro dos postulados da escrevivência, poderia falar de mim mesma. Afinal, sou negra, descendente de escravizados, neta e filha de avós e pais analfabetos e a única de cinco irmãos a ter um curso superior. Ao finalizar um curso superior em uma universidade pública, sou uma prova viva que estamos vencendo essa luta que, pela carga histórica, muitos ainda pensam que não vale a pena.

O reconhecimento do lugar de fala deve ser uma prática cotidiana, tanto em espaços acadêmicos quanto em outras esferas sociais. A intelectual negra Djamila Ribeiro (2017) propõe que "cada um de nós deve se perguntar: a quem estamos dando voz?" (RIBEIRO, 2017, p. 88). O meu primeiro contato com o romance *Tordo Arado* foi na universidade, em uma apresentação. Eu que tanto falava que queria realizar meu trabalho de conclusão de curso na área da linguística, por amar a linha do discurso, me vi impactada com aquele outro olhar na literatura, pois a professora usou o romance para falar de assuntos que me tocam profundamente. Naquele momento, me descobri, reconheci minha voz, meu lugar de fala sendo ecoado via literatura e decidi então que pesquisaria mais sobre a obra. Quando li o romance pela primeira vez, contemplei sua beleza real e tive a sensação de que o autor havia contado a minha trajetória de vida, mais precisamente a minha infância, por meio das personagens Bibiana e Belonísia. Era como

se eu, a cada página, revivesse momentos que me são tão importantes que, por vezes, não segurava as lágrimas e a pergunta sempre era a mesma: como o autor sabe tanto sobre mim? Após ler *Torto Arado* (2019), senti-me profundamente inserida na obra, redobrando meu desejo de estudar, o meu encanto pelas palavras.

No romance, Itamar Vieira Junior traz à tona a vivência de personagens que se situam em contextos de luta e resistência. O livro narra a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, que vivem em uma comunidade rural na Bahia e enfrentam desafios relacionados à terra, à família e à herança cultural. A construção dessas personagens e suas trajetórias estão profundamente ligadas à realidade social e histórica do Brasil, especialmente no que diz respeito à população negra e às suas experiências. Na obra, exemplifica-se de maneira poderosa a relação entre literatura e vida. A narrativa é construída em torno da vida das irmãs Bibiana e Belonísia, as quais simbolizam as experiências de muitas mulheres negras que enfrentam desafios cotidianos, como a discriminação, a violência e a busca por identidade.

Em um dos trechos do romance afirma-se que “(...) o chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos”. (JUNIOR, 2019, p.15) Esse trecho rememora a minha infância, ou seja, o discurso literário dialoga com a minha narrativa de vida e a de inúmeras outras mulheres descendentes de escravizados. Na fazenda onde morávamos, eu sempre acompanhava a minha mãe. Pela manhã, ao som dos cantos dos pássaros, íamos à roça e voltávamos ao final da tarde, com o sol quase se pondo no horizonte. Ao chegarmos, eu, aos mandos de minha mãe, realizava uma das tarefas de todos os dias que era arrumar as lamparinas, acender o fogo do fogão e preparar a lenha para aquecer a água do banho de todos.

Conforme o conceito de Conceição Evaristo, a escrevivência é “uma forma de escrita que emerge das experiências vividas, especialmente das comunidades negras e periféricas, buscando valorizar a oralidade e a cultura popular” (EVARISTO, 2013, p. 15) Na obra *Becos da Memória*, Evaristo também destaca a importância da comunidade na construção da identidade. Por meio de suas histórias, a narradora evidencia que as experiências individuais estão profundamente enraizadas em contextos comunitários. Essa interconexão é uma característica central da ideia de escrevivência, que busca entender a individualidade dentro da coletividade.

Haja vista esse postulado, a escrevivência se constitui enquanto alicerce teórico deste trabalho, uma vez que as trajetórias das personagens Bibiana e Belonísia se mesclam a minha trajetória. Assim, este texto objetiva investigar como o conceito de escrevivência perpassa pela trajetória narrativa das personagens Bibiana e Belonísia, por meio de uma leitura que compreende a escrevivência como rota de escrita literária. Em paralelo, a escrevivência torna-se também ferramenta metodológica para a escrita deste artigo, intercalando-se as memórias das personagens às memórias da autora-pesquisadora ressaltando-se a declaração de Evaristo:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 6).]

Da obra para a minha vida, em se tratando das irmãs Bibiana e Belonísia, eu tinha e tenho um pouco das duas. Sempre fui amante da terra assim como Belonísia. Sentia, na infância, que a terra podia me dar tudo o que precisava, pois via a minha mãe arando e plantando todo o nosso sustento: batata, abóbora, arroz, feijão, milho, costumes iguais aos descritos nas páginas de Torto Arado.

Como Bibiana, ao chegar na sala de aula, já com meus nove para dez anos, quando li as primeiras palavras, percebi um outro mundo onde havia mais para além de tudo o que eu conhecia. Como Belonísia fui também silenciada, não por acidente decependo a minha língua, mas pelo racismo estrutural que é silenciador para muitos. Como Bibiana ao me sensibilizar com os livros, tive um sonho realizado: sou professora e continuo estudante por amor ao saber.

Este trabalho, portanto, consolida como (à esteira do pensamento de Conceição Evaristo) as memórias individuais moldam práticas coletivas de escrita. Como integrante desta linha teórica de pensamento e afetada pelos temas presentificados em Torto Arado, esta pesquisa está intimamente relacionada com a trajetória de quem a escreve, enfatizando sobre o que se escreve como uma forma de saber, de libertação e de resistência.

1. Referenciais Teóricos

O romance "Torto Arado", escrito por Itamar Vieira Junior (2019), se destaca como uma obra fundamental para a compreensão das complexidades da luta das mulheres negras no Brasil. A narrativa não apenas aborda questões de identidade, de pertencimento e de resistência, mas também ilumina as dinâmicas de poder e opressão que permeiam a sociedade brasileira, especialmente no que tange à experiência feminina negra.

Diante das temáticas presentes no romance, a análise e o percurso de escrita desenvolvidos neste artigo são perpassados pela escrevivência, haja vista que a construção de uma narrativa que abraça a dor e a resistência é um dos pilares desse referencial teórico. Essa abordagem é crucial para a promoção de empatia e compreensão das realidades enfrentadas por mulheres negras, exatamente o que se apresenta em Torto Arado.

Enquanto uma pesquisadora negra e estudiosa da literatura, estou atrelada também aos postulados da autora Djamila Ribeiro (2017), uma vez que o conceito de Lugar de fala é extremamente pertinente para a compreensão das dinâmicas de poder que permeiam a sociedade. Ribeiro argumenta que "o lugar de fala é a posição que um indivíduo ocupa em relação às questões sociais, políticas e culturais" (RIBEIRO, 2017, p. 15), enfatizando a importância das experiências vividas na construção de uma narrativa autêntica. Esse texto é atravessado, portanto, pela ideia da escrevivência e pelo conceito de lugar de fala como motriz para as análises desenvolvidas.

2. Escrevivência em Torto Arado

O romance Torto Arado é uma das obras mais aclamadas e comentadas do Brasil nos últimos anos, ganhou vários prêmios literários importantes, incluindo o Prêmio Jabuti, e esteve frequentemente no topo das listas de best-sellers. Já foi traduzido para mais de dez idiomas, incluindo inglês, alemão, espanhol, búlgaro, polonês e japonês.

Na trama, a relação entre Bibiana e Belonísia, é uma representação rica em complexidades das relações familiares entre mulheres negras, permeada por diferenças e por aproximações que refletem não apenas a singularidade de suas experiências, mas também as heranças e re-existências em um contexto de opressão racial e social.

Na obra em questão, o autor utiliza elementos da cultura afro-brasileira, como

mitos, tradições e a oralidade, para tecer uma trama que é pessoal, mas ao mesmo tempo ressoa com as vivências coletivas de seu povo. O enredo é permeado por questões de memória, o passado e o presente se entrelaçam, revelando como as experiências dos antepassados influenciam a vida das personagens. Essa conexão temporal é essencial para a construção da identidade, permitindo que as protagonistas reconheçam suas raízes e, ao mesmo tempo, reivindiquem seus espaços na sociedade. Também aborda a importância da memória coletiva e da ancestralidade, mostrando como as histórias não contadas podem ser resgatadas e valorizadas. Essa valorização da narrativa afro-brasileira atrela-se a uma narrativa de escrevivência, que busca reescrever a história, trazendo à tona experiências que foram relegadas ao esquecimento.

A escrevivência, conforme Evaristo (2017), é um modo de escrita que se distancia dos cânones acadêmicos tradicionais, buscando dar voz a experiências que muitas vezes são silenciadas. Bibiana e Belonísia, por meio de suas histórias, representam não apenas suas individualidades, mas também a coletividade da experiência negra. A escrita dessas personagens se torna uma forma de resistência e de afirmação de suas identidades, mostrando que a literatura é um espaço onde se pode reescrever a história a partir de uma perspectiva negra e feminina.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (EVARISTO, 2013, p. 31).

Além disso, a dinâmica entre as irmãs revela as nuances de suas diferenças e aproximações. Bibiana, que busca um espaço de autonomia e autoconhecimento, contrasta com Belonísia, que se vê muitas vezes presa às amarras familiares e sociais. Essa dualidade pode ser observada na forma como cada uma delas se relaciona com a questão da terra, o cuidado e o respeito dispensados ao chão que as sustenta. Um elemento simbólico e material que carrega uma carga histórica significativa para as populações negras no Brasil. A terra, para muitas mulheres negras, não é apenas um espaço físico, mas um símbolo de pertencimento e sobrevivência.

Por meio de suas recordações, Belonísia apresenta a figura de seu pai, Zeca Chapéu Grande, que personifica a luta pela manutenção da unidade familiar. Zeca, com sua sabedoria e resiliência, dedica-se incansavelmente ao cultivo da terra, mesmo ciente

de que essa terra não lhe pertence de fato. Essa consciência, entretanto, não diminui seu sentimento de pertença. Para Zeca, a relação com a terra transcende a questão da posse; é um laço que se constrói a partir do trabalho e do amor cultivados ao longo dos anos.

A forma como Zeca cuida da terra é um testemunho de sua conexão com a vida que ali se desdobra. Ele não apenas labuta para garantir a sobrevivência da família, mas também busca preservar a memória e a identidade familiar em cada planta que cresce sob suas mãos. Essa relação simbiótica com a terra é um elemento central para a compreensão da narrativa de Belonísia, que reflete sobre os desafios enfrentados, mas também sobre a força que emana da herança familiar.

Assim, o relato de Belonísia, se transforma em um espaço de resiliência e revalorização das raízes. A terra, embora marcada por injustiças, se torna um símbolo de pertencimento e esperança, onde a luta de seu pai ressoa nas memórias que ela guarda, perpetuando o amor e a união familiar diante da adversidade.

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. (JUNIOR, 2019, p.83)

A narrativa de Itamar Vieira Júnior não se limita a relatar as experiências das personagens; ela dialoga de maneira significativa com a ideia de escrevivência proposta por Conceição Evaristo uma vez que as experiências individuais e coletivas se entrelaçam, proporcionando uma reflexão sobre a identidade, a resistência e a herança. Além disso, há um diálogo intergeracional proposto pelo conceito. As vozes das gerações anteriores são fundamentais para entender o presente e construir o futuro. Essa conexão entre passado e presente é essencial para a formação de uma identidade cultural que reconhece suas raízes e luta por um espaço na sociedade contemporânea.

As personagens Belonísia e Bibiana compartilham suas vivências enquanto moradoras da Fazenda Água Negra, especialmente nos dois primeiros capítulos da obra. No último capítulo, a figura de Santa Rita Pescadeira emerge como uma entidade que também narra memórias, evocando o passado e o presente dos moradores e seus descendentes, que são, em grande parte, descendentes de pessoas escravizadas que habitaram a Fazenda Água Negra.

(...) Belonísia também retirou a faca da boca, mas levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. Tentei engolir o que podia, minha irmã também esfregava rápido a mão na boca com os olhos marejados e apertados, tentando afastar a dor (...). (JUNIOR, 2019, p.11)

No trecho acima, Bibiana aborda o acidente que afetou a fala de sua irmã, ressaltando a estreita união que se formou entre elas na busca por compreensão e interpretação dos acontecimentos cotidianos. As duas personagens tornam-se uma só, evidenciando um profundo laço emocional e existencial. Bibiana desenvolve uma maneira singular de compreender Belonísia, enquanto esta última também se vê compelida a aprimorar suas habilidades de comunicação para que sua irmã a entenda. A obra, portanto, não apenas relata histórias de vida, mas também constrói um mosaico de vozes que ressoam através do tempo, permitindo que as memórias de um passado marcado pela dor e pela luta se conectem com as vivências contemporâneas das personagens. Essa junção entre passado e presente é fundamental para compreender a dinâmica cultural e social das comunidades retratadas.

A relação entre Bibiana e Belonísia é um dos pontos centrais da obra, simbolizando a força da solidariedade feminina. Essa conexão entre as irmãs, que é testada pelas circunstâncias, é um reflexo do que Djamila Ribeiro (2017) propõe: a importância de redes de apoio entre mulheres, especialmente aquelas que, por suas identidades diversas, enfrentam opressões similares. A força que elas encontram uma na outra é um lembrete poderoso de que, mesmo em meio à dor e à luta, a solidariedade e o amor podem ser fontes de resiliência e esperança.

Assim, ao analisar a narrativa de *Torto Arado* à luz do conceito de *escrevivência*, é possível perceber como a literatura se torna um veículo poderoso para a afirmação da identidade e para a valorização da história de grupos marginalizados, enfatizando a importância de narrativas que emergem do contexto das comunidades quilombolas e que desafiam as estruturas de poder que tentam silenciar suas vozes, conforme atesta Ribeiro (2017):

Gonzalez evidenciou as diferentes trajetórias e estratégias de resistências dessas mulheres e defendeu um feminismo afro-latino-americano colocando em evidência o legado de luta, a partilha de caminhos de enfrentamento ao racismo e sexismo já percorridos. Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências. (RIBEIRO, 2017, p.17)

Outro aspecto importante é a ligação profunda que as personagens têm com a terra e suas raízes. Assim como Ribeiro discute a relação das mulheres negras com a ancestralidade e a cultura, Torto Arado apresenta a ideia de que a terra é um espaço de pertencimento, luta e sobrevivência. A relação com a ancestralidade é um elemento vital que permeia a obra, mostrando como as histórias e as experiências de gerações passadas moldam a luta das personagens no presente. A luta de Bibiana e Belonísia é, portanto, uma luta por reconhecimento, não apenas de sua existência, mas de sua história e de suas vozes. Desse modo, elas desafiam as narrativas hegemônicas.

Belonísia, como narradora, traz uma perspectiva íntima e sensível sobre a vida no campo e as relações familiares. Sua voz é uma representação das mulheres que, muitas vezes, são silenciadas ou não têm suas histórias contadas. A sua vida é marcada por lutas cotidianas e pela busca de autonomia, tendo em vista que após o acidente ela perde o órgão principal para a fala, a língua, o que a coloca em um lugar de fala que reflete a força e a perseverança das mulheres com agravantes físicos, na sociedade.

Durante todos esses anos, somente quando estava só, e mesmo assim muito raramente, ousava dizer algo. Era um tipo de tortura que me impunha de forma consciente, como se a faca de Donana pudesse me percorrer por dentro, rasgando toda a força que tentei cultivar desde então. Como se o arado velho e retorcido percorresse minhas entranhas lacerando minha carne. Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca, nem mesmo o descanso, e as únicas coisas a que tínhamos direito era morar até quando os senhores quisessem e a cova que nos esperava fosse cavada na Viração, caso não deixássemos Água Negra. (JUNIOR, 2019, p.111).

Por outro lado, Bibiana, com sua trajetória marcada por questões de pertencimento e a busca por liberdade, representa uma nova geração que questiona as tradições e o sistema e busca espaços para expressar suas individualidades. O lugar de fala de Bibiana é construído a partir de suas experiências e conquistas que desafiam normas estabelecidas (tendo em vista que ela se tornou professora) e trazem à tona temas como a emancipação feminina e a luta contra as opressões: “(...) Bibiana havia se formado professora, falava diferente, bonito, via o orgulho de meu pai ao vê-la ensinar aos filhos” (JUNIOR, 2019, p.138)

Por isso, diferente das jovens de nossa idade, e mesmo com os olhares invasivos que nos despetalavam como flores, éramos quase intocáveis ao assédio tão comum dos homens sobre as meninas que chegavam à mocidade. Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias. (JUNIOR, 2019. p.45)

A ideia de que a luta por justiça deve ser liderada por aqueles que a vivenciam é central em "Torto Arado". As irmãs, ao lidarem com as adversidades, representam a força das minorias que buscam visibilidade e voz em um sistema que frequentemente os ignora. Portanto, tanto Ribeiro (2017) quanto Junior (2019) sublinham a importância de dar espaço e voz àqueles que vivem as realidades marcadas pela injustiça, promovendo uma transformação social que é tanto necessária quanto urgente.

Assim, a abordagem do lugar de fala permite que vozes antes silenciadas sejam ouvidas, e isso é um passo fundamental para a transformação social. Ribeiro (2017) conclui que “ao dar espaço para essas vozes, começamos a construir um mundo mais justo” (RIBEIRO, 2017, p. 66).

Ao analisar essas personagens, é fundamental considerar o contexto social e histórico em que estão inseridas, além das intersecções de raça, classe e gênero que moldam suas experiências. Por meio de suas narrativas, percebe-se como o lugar de fala de Bibiana e Belonísia não apenas enriquece a trama, mas também provoca reflexões sobre a diversidade de vozes e a importância de se ouvir diferentes perspectivas.

A partir dessa perspectiva, Ribeiro (2017) critica a universalização de experiências, afirmando que “toda experiência é singular e deve ser respeitada em sua especificidade” (RIBEIRO, 2017, p. 45). Isso implica que as narrativas de mulheres negras, por exemplo, trazem contribuições únicas e indispensáveis para o debate sobre desigualdade e injustiça.

Assim, tanto Bibiana quanto Belonísia convidam a olhar para além de suas histórias individuais, reconhecendo a complexidade das vivências que compõem a rica tapeçaria social da qual fazem parte. Essa humanização das personagens ajuda a entender melhor os desafios e as conquistas das mulheres em suas realidades, tornando suas vozes ainda mais significativas

Esse reconhecimento das experiências específicas é crucial em contextos como a academia e movimentos sociais, onde a inclusão de vozes diversas pode enriquecer as discussões e promover mudanças significativas. Ribeiro (2017) enfatiza que “a luta por justiça social deve ser feita por aqueles que a vivenciam” (RIBEIRO, 2017, p. 50), reforçando a necessidade de protagonismo das minorias.

Em "Rio de Sangue" a última parte da obra, a narrativa de Santa Rita Pescadeira traz à vida as personagens Bibiana e Belonísia com uma profundidade emocional que

ressoa com a condição humana. Santa Rita, com sua sensibilidade aguçada e seu olhar perspicaz, nos apresenta Bibiana como uma mulher marcada pelo sofrimento, mas que carrega dentro de si uma força indomável. Sua trajetória é entremeada por dores e desafios, mas também por momentos de resiliência e esperança. Por meio das palavras de Santa Rita, podemos sentir a angústia de Bibiana, suas lutas diárias, e ao mesmo tempo, um lampejo de coragem que brilha em meio à escuridão.

Foi nesse dia que Bibiana resolveu reunir o povo de Água Negra para falar. Mesmo enredada em seu luto, precisava expor o que pensava. Não poderia deixar as coisas se desenrolarem do jeito que estavam ocorrendo porque, do contrário, em breve todos estariam em perigo. (JUNIOR, 2019, p.192)

Belonísia, por sua vez, é retratada como uma figura complexa, envolta em mistérios e segredos. A entidade revela suas fragilidades e suas ambições, mostrando que, apesar das adversidades, Belonísia busca um espaço para se afirmar no mundo. A vida a moldou de maneiras que muitas vezes a tornaram uma sobrevivente, e sua história se entrelaça com a de Bibiana, criando um laço que fala sobre solidariedade em tempos difíceis.

Então, num dia qualquer, atravessei o terreiro e cheguei a Belonísia. Estava sozinha como Miúda. Selvagem, conhecia a terra como ninguém. Me uni ao seu corpo para vagar pela terra, para correr os marimbus, atravessar cercas, pelos rios, por casas e árvores mortas. Seu nome era coragem. Era da linhagem de Donana, a mulher que pariu no canavial, que ergueu casa e roça com a força de seu corpo. (Júnior, 2019, p. 231).

Por meio da narrativa de Santa Rita, é possível perceber o entrelaçamento de suas histórias, nota-se que a dor e o amor se cruzam em um rio turbulento de experiências. As emoções são palpáveis; a tristeza é quase física, enquanto a esperança surge como um sopro de vida. Cada personagem é uma representação das muitas faces da luta feminina, refletindo a força e a vulnerabilidade que coexistem em cada uma de nós.

Assim, a "parte final" não é apenas uma história de tragédia, mas uma celebração da humanidade, com Santa Rita Pescadeira conduzindo a narrativa com uma voz que ecoa a sabedoria das mulheres que vieram antes, e que, de alguma forma, continuam a viver em Bibiana e Belonísia. É um chamado para lembrar que, por trás de cada dor, existe uma história digna de ser contada e respeitada.

2. A voz da Escrivência no Lugar de fala da pesquisadora

Ler "Torto Arado" foi como abrir uma porta para o meu próprio passado. Cada página parecia ressoar com ecos da minha história, trazendo à tona memórias que eu havia guardado, às vezes com carinho, outras vezes com dor, pois me via refletida nas experiências das personagens, nas lutas e nas conquistas que, de alguma forma, se entrelaçavam com a minha própria trajetória. Esse livro não me tocou apenas pela sua narrativa poderosa, mas também porque resgatou partes de mim que eu pensava estarem esquecidas. A leitura transportou-me para um período da vida marcado por grandes dores, muitas frustrações com necessidades básicas negadas. No entanto, paradoxalmente também por um profundo encanto, compreendido como uma forma de aceitação, já que minha mãe que sempre se apresentava a mim sorrindo e desempenhava as suas tarefas do cotidiano com dedicação e alegria e isso transmitia a mim a ilusão que tudo estava em conformidade.

Ao longo do romance, as personagens estão sempre aos comandos da Dona Salustina, aprendendo com seus ensinamentos algo também muito semelhante à minha história, principalmente no que diz respeito às práticas religiosas. Sim, eu conheci os chás de plantas medicinais, a observância das fases da lua, o respeito e a dedicação às entidades, santos, os quais na obra são denominados de "encantados".

Também tive uma mãe parteira, que contribuiu para que inúmeras crianças viessem a esse mundo na região. Lembro que era comum a chegada de algumas pessoas, montadas em cavalo, solicitando um benzimento. Nunca tive o pleno conhecimento das aflições que essas pessoas enfrentavam, mas era evidente e compreensível para mim que saíam de nossa casa de sapé mais alegres e aliviadas.

Tenho na lembrança a imagem de uma grande pedra disposta no quintal...nas noites claras, a lua no céu era dia de alegria, era o dia que minha mãe contava histórias, lendas, mas que na época eram tidas como verdadeiras para mim. Ao longe, às vezes, éramos presenteadas com o som de algum animal feroz, o que me deixava extremamente feliz, mas assustada também. Isso apimentava ainda mais nosso sarau, com a minha genitora narrando suas histórias. Ela era analfabeta, mas dotada de uma grande sabedoria de vida para me ensinar seus costumes dentro de parâmetros de honestidade e honra.

As noites de contação de histórias ao luar me inspiraram a conhecer outras histórias, incluindo a minha. Anos depois, quando decidi ingressar no curso de Letras, meu coração pulsava com um forte desejo de compreender mais sobre a minha

ancestralidade. Queria mergulhar nas minhas raízes, explorar a riqueza da cultura negra e, principalmente, contar a minha versão dessa história. O desejo de falar de mim, de quem sou e de onde venho, sempre esteve presente. Hoje, ao escrever, sinto que estou não apenas dando voz a mim mesma, mas também honrando aquelas e aqueles que vieram antes de mim, cujas histórias precisam ser contadas e celebradas.

Esse é um legado que carrego com orgulho e que me motiva a continuar essa busca, não apenas por mim, mas por todas nós. Ouso pensar na escrevivência como um guia dessa percepção. Assim como Evaristo (2013), que navega habilmente na linha tênue entre a literatura e a vida a partir do resgate das narrativas de um povo, a fusão das experiências das personagens Bibiana e Belonísia com as minhas experiências de escrita enquanto acadêmica-pesquisadora promovem (auto)reflexões críticas sobre identidade, memória, resistência. A ficção cria um espaço de pertencimento e reconhecimento ocupado não só pelos sujeitos da trama, mas também pelo sujeito leitor e, no caso em questão, escritor. A intelectual promove uma crítica ao apagamento histórico que as mulheres negras frequentemente sofrem, essa é uma parte essencial do conceito de escrevivência.

Em *Torto Arado*, Bibiana e Belonísia habitam uma comunidade rural na Bahia, e, por meio de suas histórias, o autor revela as múltiplas camadas da ancestralidade e da luta cotidiana enfrentada por mulheres negras. Vivem na fictícia Fazenda Água Negra, no sertão da Chapada Diamantina. Desde a infância, as protagonistas são moldadas por um contexto histórico de desigualdade e violência, mas também por uma rica tradição cultural que as liga às suas raízes africanas. Sabe-se que a luta das mulheres negras no Brasil é marcada por uma união complexa de fatores sociais, econômicos e raciais. Historicamente, essas mulheres têm sido duplamente marginalizadas: por serem negras em uma sociedade racista e por serem mulheres em um contexto patriarcal. No entanto, a obra de Itamar Vieira Junior traz à tona a força dessas vozes, que, apesar da opressão, encontram maneiras de resistir e afirmar sua existência. As protagonistas da obra representam não apenas a luta contra a pobreza e a violência, mas também a busca por liberdade e autonomia em um mundo que frequentemente as silencia. Dessa forma, constata-se que a escrevivência perpassa o discurso literário, uma vez que ele mostra os rostos de outros na imagem de si próprio, narra inúmeras vozes.

Quando se nasce negra, como eu, inicialmente não se tem plena consciência de que a cor da pele influenciará as experiências futuras, frequentemente permeadas por dor

e desprezo. Por volta dos dez anos, ao ingressar na sala de aula, comecei a me reconhecer como uma pessoa negra e, a partir desse momento, passei a vivenciar a carga histórica associada à condição de ser mulher, pobre e negra.

O conceito de "lugar de fala" refere-se à posição social e histórica que um indivíduo ocupa, influenciando suas percepções e experiências de vida. No caso de Bibiana e Belonísia, suas histórias estão profundamente entrelaçadas com a realidade das comunidades rurais e as questões de identidade, gênero e classe. Para refletir sobre o atravessamento do conceito de lugar de fala na minha experiência, sinto-me, finalmente, à vontade para compartilhar uma situação singular que vivi, intimamente relacionada à minha trajetória de escrita e formação.

A narrativa que se segue diz respeito ao momento em que, após desconstruir a crença de que não existiam pedagogas negras, consegui concluir minha graduação em Pedagogia. Em 2020, fui aprovada no concurso para a rede municipal de ensino da minha cidade. É importante ressaltar que, embora já estivesse concursada em nível de ensino fundamental, minha atuação inicial se deu como faxineira. Posteriormente, devido a mudanças na nomenclatura do concurso, assumi o cargo de inspetora de alunos, popularmente conhecido como "tia do pátio".

Ao assumir o concurso em 19 de março de 2021, na função de professora, tive a gratificante surpresa de ser lotada na mesma escola na qual havia trabalhado por 16 anos. Os colegas do setor administrativo, bem como os professores e diretores, organizaram uma celebração em minha homenagem. Nas redes sociais, recebi inúmeras mensagens de congratulação, destacando expressões como "Parabéns! Você merece!", entre outras manifestações de felicitações.

Entretanto, ao ler Djamila Ribeiro e tomar consciência do meu lugar de fala, chego à seguinte conclusão: as festas e manifestações de carinho, na verdade, ilustram um aspecto significativo da minha trajetória. Ao afirmar que “eu havia colocado o pé para fora da senzala”, quero dizer que, enquanto mulher negra, é comum ser designada a funções subalternas, como limpar o chão ou ocupar o papel de “tia do pátio”. Contudo, ser professora de carreira? Essa ainda não é uma realidade considerada normal.

Ribeiro ressalta que “a fala de um sujeito está sempre ligada ao seu contexto histórico e social” (RIBEIRO, 2017, p. 28), o que nos leva a considerar a diversidade das experiências e a necessidade de respeitar as particularidades de cada indivíduo. É importante destacar que a memória que compartilho é fundamentada em um

entendimento profundo do racismo estrutural. Embora eu, como faxineira e auxiliar nas atividades escolares, tenha passado anos sem ser reconhecida, essa invisibilidade é uma manifestação comum da desigualdade social e do racismo estrutural. Por outro lado, ao assumir a posição de professora, alcancei um status que me conferiu visibilidade e reconhecimento por parte da sociedade.

Por fim, o lugar de fala é uma ferramenta essencial para a promoção de um diálogo mais justo e representativo. Ribeiro (2017) encerra sua reflexão afirmando que “só podemos avançar em direção à equidade quando reconhecemos a importância de cada voz” (RIBEIRO, 2017, p. 101).

Dessa forma, o lugar de fala se mostra não apenas como uma teoria, mas como uma prática necessária para a construção de sociedades mais inclusivas e justas. O respeito às narrativas individuais, a promoção do diálogo interseccional e a responsabilidade na fala são pilares que devem ser continuamente fortalecidos em nosso cotidiano.

Recordo-me de que, em diversas ocasiões, reagi com um sorriso inocente às brincadeiras sobre minha cor e meu cabelo. Como afirma Djamila Ribeiro (2019) em seu livro *Pequeno Manual Antirracista*, “racista, eu que nunca xinguei uma pessoa negra” (RIBEIRO, 2019, p. 15), percebo agora que o que antes considerava simples brincadeiras, como “cabelo de bombril”, “carvãozinho” e “neguinha”, eram, de fato, formas de xingamento.

Nesse período da adolescência, começou a emergir em mim a figura de uma lutadora. Por vezes, ensaiava respostas, embora não tivesse plena consciência do que realmente estava enfrentando. Esse processo de autodescoberta e resistência foi fundamental para que eu entendesse as nuances do racismo estrutural e as intersecções entre raça, gênero e classe social. Foi por meio da reflexão e da busca por referências que pude começar a valorizar minha identidade e a combater a opressão que me cercava. Essa jornada de conscientização me fez perceber a importância de unir forças com outras mulheres negras para, juntas, enfrentarmos os desafios impostos por uma sociedade que ainda perpetua a desigualdade racial. Portanto, me reconheço nas palavras de Evaristo (2013) quando evidencia que as experiências individuais estão profundamente enraizadas em contextos comunitários. Essa interconexão é uma característica central da *escrevivência*, que busca entender a individualidade dentro da coletividade.

A luta contra o racismo não é apenas uma batalha individual, mas uma luta coletiva que requer solidariedade, empoderamento e a construção de espaços de diálogo. Reconheço a importância de compreender o que significa o “lugar de fala”, pois ele permite que vozes antes silenciadas sejam ouvidas, e isso é um passo fundamental para a transformação social. Ribeiro (2017) conclui que “ao dar espaço para essas vozes, começamos a construir um mundo mais justo” (RIBEIRO, 2017, p. 66). Assim como Bibiana, em *Torto Arado*, eu desejava estudar, sonhava com uma vida melhor e nutria um amor pelos livros. Os poucos que conhecia eram, na sua maioria, didáticos, e mesmo estes me causavam encantamento. Na época, residíamos em um distrito chamado Indaiá do Sul. Minha casa era construída em pau a pique e ficava localizada a cerca de dois quilômetros do rio, para onde descíamos regularmente para lavar roupas e buscar água para outras necessidades do lar.

O ambiente simples contava com um fogão a lenha, um jiral (uma espécie de mesa de madeira) utilizada para lavar louças e camas feitas de madeira, com colchões confeccionados com palha, elaborados com muito capricho por minha mãe. Sendo eu a filha mais velha era a que mais a acompanhava nos afazeres domésticos. Situação essa muito semelhante à seguinte descrição retirada da obra *Torto Arado*:

Vi as mulheres da fazenda entoarem suas cantigas com mais força pelos caminhos, enquanto levavam suas roupas para lavar no rio que crescia em volume, ou carregando suas enxadas para capinar e fazer a coivara no terreno onde fariam seus plantios (JUNIOR, 2019, p. 81).

Aos 18 dezoito anos, assim como Belonísia, engravidei e, por esse motivo, fui obrigada a me casar por tradição e imposição familiar. Analogamente à personagem, sentia que meus sonhos seriam ainda mais difíceis de serem realizados.

O tempo foi passando e a barriga começou a despontar. Como estava mais magra, acho que ninguém notou, a não ser eu mesma na hora do banho no rio. Me tornei mais solitária. Sentia mais tristeza do que empolgação por tudo. Qualquer coisa me fazia chorar. Quando viu o tempo passar, quis Severo. ele mesmo, falar com meus pais, disse que não poderíamos adiar a confissão, que quanto mais tempo passava, pior para todos. (JUNIOR, 2019, p. 68).

Ao pensar no conceito de escrevivência de Evaristo (2019), alinhado à obra *Torto Arado*, observo como a narrativa valoriza a oralidade, a ancestralidade e a luta por reconhecimento. A teoria de Evaristo, que se inspira nas narrativas coletivas das mulheres negras, ressoa na forma como Vieira Junior utiliza a voz das suas personagens para contar suas histórias de dor e perseverança. Além disso, o lugar de fala das personagens, o

conceito de pertencimento e a busca pela identidade são elementos centrais na narrativa. Evaristo (2019) em sua teoria, enfatiza a importância da memória e da história de vida, enquanto o discurso que emerge de *Torto Arado* também reflete sobre as raízes familiares e a conexão com a terra como parte da identidade cultural. Portanto, identifica-se em *Torto Arado* a união das experiências vividas pelas personagens, a valorização das vozes marginalizadas e a construção de uma narrativa que busca resgatar e afirmar a cultura negra e suas múltiplas dimensões. Essa conexão revela a riqueza da literatura contemporânea brasileira na representação das vivências de mulheres com histórias parecidas com a minha e das lutas sociais que ainda precisam ser travadas para sermos ouvidas.

Considerações Finais

Ao investigar academicamente as escritas de Bibiana e Belonísia atreladas às minhas experiências, busquei contribuir para um diálogo mais amplo sobre as nuances da identidade e da resistência das mulheres negras, reafirmando a importância da literatura na visibilidade e na valorização das vozes que, como a minha, ecoam em um cenário de luta e superação.

Por meio da trajetória de Bibiana e de Belonísia, reconheci também meu lugar de fala e, hoje, tenho clareza sobre minha própria história: conheço minhas raízes e sei para onde desejo ir. Esse processo de construção identitária enquanto mulher negra me permitiu compreender por que, para mim, as conquistas muitas vezes parecem mais difíceis.

Parafraseando Evaristo (2019), ressalto que as formas de escritas acadêmicas negras contemporâneas vivem um momento em que os experimentos escritos já não podem mais ser amputados para caber dentro da roupa justa que um texto acadêmico pode se tornar. É justamente esse o exercício proposto nessa análise, uma leitura/escrita produzida por uma pesquisadora negra, “escrivente” de uma narrativa protagonizada por mulheres negras.

Acredito que o legado desse trabalho é contribuir para mais pesquisas ancoradas no conceito de escritas e para que mais mulheres negras acadêmicas encontrem no estudo e na escrita um refúgio e um caminho para o conhecimento e a liberdade, inspiradas em escritas como as de Bibiana e de Belonísia e alicerçadas na potência

libertadora do discurso literário. Dessa forma, poderemos seguir “escrevivenciando” novas páginas nas universidades brasileiras.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Nossa Escrevivência*. 2005. [Em linha] [novembro 2018]. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 10/11/2024.

EVARISTO, Conceição. *Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras*, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. [Em linha] [dezembro 2018]. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 15/11/2024.

EVARISTO, Conceição; LIMA, Juliana Domingos de . Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Nexo, 2017. *Memórias e tradição em Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*. Abriu, 9 (2020): 73-93.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento / Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.